

*Débora Baptista M. Braga*

*Nayara Alves Macedo*

### **Volta ao cotidiano das escolas das infâncias: como acolher as crianças pequenas em tempos pandêmicos?**

No Brasil, a presença do novocorona vírus parece desvendar o horror dos abismos produzidos pelo aprofundamento da crise social, política, econômica e sanitária. A educação também sofre os impactos deste cenário pandêmico, com a imperiosa necessidade de isolamento social, desde março de 2020, por meio do qual as atividades presenciais foram suspensas.

**Imagem 1:** Escola Municipal Comendador Délio P. Sampaio – Magé/RJ



**Fonte:** arquivo pessoal, 2021.

**Imagem 2:** Centro de Referência em Educação Infantil Realengo/RJ



**Fonte:** arquivo pessoal, 2020.

A escola da pequena infância, *lócus* de nossas atuações e pesquisas, enfrentou as barreiras das reclusões em tempos de

isolamento físico-social. As fotos acima são de duas unidades públicas de Educação Infantil (EI) situadas em dois municípios do estado do Rio de Janeiro: Magé e Rio de Janeiro, onde atuamos como professoras-pesquisadoras da pequena infância. Tais fotografias registram, ainda, a interrupção da vida vivida e negociada na EI, que esvaziou e silenciou os espaços-tempos do cotidiano, resultando em um acontecimento que nos instigou a refletir e a problematizar: como gerir a complexidade social desse tempo, garantindo uma experiência criativa, crítica e dialógica na construção coletiva da educação das infâncias?

São muitas questões e implicações que nos afetaram, nos desafiando à invenção e ao enfrentamento de nossas contradições. Neste contexto, compreendemos a necessidade de nos abirmos para a potência dos dispositivos tecnológicos, reconhecendo o mundo virtual como um dos caminhos a seguir na mobilização de diferentes dinâmicas em nos aproximarmos das crianças pequenas. Contudo, salientamos a necessidade de complexificar a implementação de atividades remotas, na ausência de apoio e investimentos necessários, em uma realidade onde a desigualdade de acesso às tecnologias é discrepante. Segundo dados da UNICEF (2020), no mês de março de 2020, 4,8 milhões de crianças e adolescentes brasileiros viviam em domicílios sem acesso à internet, o que pode ter se agravado mais ainda no decorrer da pandemia.

No âmbito das unidades de educação que trabalhamos, fortalecidas por coletivos de professores/as das infâncias, promovemos encontros remotos com as crianças e suas famílias, na tentativa de estabelecer uma relação tecida por crianças e adultos dispostos a acolher qualquer outro assunto que fosse pertinente e necessário, no sentido da busca por uma educação dialógica e uma pedagogia da pergunta (FREIRE e FAUNDEZ, 2002) exercida por sujeitos curiosos que interrogam a realidade que os cercam.

Em 2021, fomos surpreendidas com a decisão de volta ao cotidiano presencial da EI. Vive-se, portanto, um período delicado, em que as taxas de transmissão da Covid-19 se agravam, podendo resultar um alto nível de contaminação, visto que muitas das escolas públicas, seus prédios e infraestrutura, não atendem aos protocolos de biossegurança e condições estruturais para que as medidas de proteção sejam seguidas. Diante disso, nos perguntamos: afinal, por que em um momento que a contenção da pandemia deve ser prioritária e inegociável, a volta ao cotidiano das escolas da Educação Básica é proclamada?

Vale salientar que no município de Magé, após o grande número de casos de contaminação pela a abertura das escolas, as famílias que optaram pelo presencial estão desautorizando o retorno de seus/as filhas/os, pois entendem que apesar de a educação ser muito importante por diversos fatores, preservar a vida é necessário.

Enfim, um dos conhecimentos decorrentes dessa pandemia é que a educação das infâncias é construída através das relações, das brincadeiras, no compartilhar a vida em contextos coletivos. Por isso, assim como as crianças e famílias desejamos um retorno breve, e, sobretudo, seguro. Exigir condições físicas, sociais e sanitárias adequadas, por um plano de vacinação consistente que contemple a todos, é manifestar-se pelo direito à educação e pela preservação da vida. Por uma escola das infâncias sem luto, seguiremos na luta!

### **Referências:**

**FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. Por uma pedagogia da pergunta. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 158 p.**

### **Sobre as autoras:**

**Débora B. M. Braga: Pós-graduada em Neurociência Pedagogia (AVM). Professora na Rede Municipal de Magé. Coordenadora pedagógica em creche conveniada no Município de São Gonçalo. E-mail: [debora.baptist@hotmail.com](mailto:debora.baptist@hotmail.com)**

**Nayara Alves Macedo: Doutoranda e Mestre em Educação (UERJ/FFP). Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico no Colégio Pedro II, no Centro de Referência em Educação Infantil (CREIR). E-mail: [nayara\\_macedo@yahoo.com.br](mailto:nayara_macedo@yahoo.com.br)**